

ENTRE AS DEMANDAS DE DEUS E AS DA SOBREVIVÊNCIA

Os brasileiros adventistas de Chino

*Bernadete Beserra **

Em 26 de novembro de 2005, visitei a Igreja Adventista de Fala Portuguesa de Chino, grande Los Angeles, onde havia realizado pesquisa entre 1997 e 2000. Não vi o pastor David Bravo entre os que dirigiam o culto, mas soube, depois, que ele estava no Brasil, de férias. Reconheci alguns amigos e conhecidos do tempo da pesquisa, mas pelo menos metade, das cerca de 70 pessoas que assistiam ao culto naquele sábado, eram desconhecidas. Fiquei para o almoço e pude conversar demoradamente com Isac, Jaidete e Ester. O aconchego deles e o sabor da comida eram os mesmos de quando os visitei pela última vez antes de voltar ao Brasil, em junho de 2000. Tudo o mais parecia ter mudado. Numa área antes usada como estacionamento, construía-se um novo prédio, pelo menos três vezes maior do que aquele onde ainda se celebrava o culto sabatino. Isac e Jaidete responderam pacientemente às minhas indagações sobre as várias pessoas sobre quem perguntei. Alguns haviam voltado para o Brasil. Outros haviam se mudado para outros estados ou cidades. Mas novos membros haviam sido incorporados e, ao contrário do que imaginei a princípio pela quantidade

de pessoas no culto, a igreja havia crescido e prosperado nos últimos 5 anos.

Lembrei-me do Pastor Claudiner Mockiuti explicando-me sobre o desafio da manutenção de igrejas étnicas entre populações imigrantes (Beserra 2005c, pp. 110-112). Se o fluxo migratório diminui ou se interrompe, as chances de sobrevivência da igreja são bastante reduzidas. Os filhos dos imigrantes se aculturam e se filiam a igrejas de grupos dominantes. No caso dos Estados Unidos, os brasileiros adventistas da segunda geração se juntam a igrejas adventistas brancas, negras ou latinas, conforme a sua aparência e condições sócio-econômicas os aproximem mais de cada um desses grupos ou conforme o pertencimento étnico-racial dos seus cônjuges ou amigos.

Por enquanto, pelo menos, com um fluxo migratório que se intensifica, não há porque temer que as igrejas brasileiras nos Estados Unidos, católicas ou protestantes, desapareçam. Pretendo, neste artigo, a partir do caso dos adventistas de Chino, refletir sobre a função das igrejas na integração do imigrante, em geral, mas particularmente na integração de brasileiros nos Estados Unidos. Uma

das minhas hipóteses é que a importância da igreja na integração do imigrante varia em função da sua posição de classe no seu país de origem, dos seus pertencimentos étnicos e religiosos e do tempo de imigração.

LOS ANGELES: O CONTEXTO

Chino, Riverside, Los Angeles, San Francisco, enfim, a Califórnia não é o destino americano que mais atrai a imigração brasileira. De acordo com o Ministério das Relações Exteriores, quase 90% da população imigrante brasileira nos Estados Unidos está concentrada na Costa Leste, nas regiões metropolitanas de Nova Iorque (300.033), Boston (200.032) e Miami (150.018) (MRE 2002). Outras concentrações significativas são: Washington, D.C. (44.003), Houston (36.400), San Francisco (25.000), Los Angeles (17.110) e Chicago (11.000).

Em cinco anos morando em Riverside, grande Los Angeles, apenas raras vezes ouvi o português fora das reuniões de brasileiros. Situação completamente oposta vivenciei em Framingham, Massachusetts, em março de 2006, onde ouvia o português com bastante frequência em

lojas de departamentos, restaurantes e supermercados não-brasileiros e até nas ruas¹.

Em Los Angeles, a população brasileira fica meio perdida entre uma das maiores populações de "latinos" dos Estados Unidos. No período da pesquisa, a proporção era de um brasileiro para cada duzentos e dezenove mexicanos. Considerando a população imigrante latina como um todo – isto é, imigrantes do México, Caribe e Américas Central e do Sul – a relação caía para um brasileiro para cada duzentos e noventa e nove latinos (Beserra 2005c, p. 202)².

É na posição de membros de uma população meio perdida entre outros grupos de imigrantes latinos, os quais "são como uma classe inferior para os americanos", que os adventistas de Chino se integram à vida em Los Angeles³.

OS ADVENTISTAS DE CHINO: BREVE HISTÓRIA

A Igreja Adventista de Fala Portuguesa de Chino abrangia, entre 1997 e 2000, um dos maiores e mais estáveis grupos de brasileiros da região metropolitana de Los Angeles. Os seus membros se reuniam todos os sábados, para o culto, e às quartas-feiras à noite, para oração. O grupo era (e ainda permanece) composto de brasileiros e portugueses. Incluindo as crianças, reunia cerca de 200 fiéis, dos quais 180 brasileiros e 20 portugueses. A maioria dos membros era imigrante de primeira geração cujos filhos adultos geralmente não pertenciam à igreja. De cerca de 20 casais que possuíam filhos crescidos, apenas os filhos de quatro deles frequentavam a igreja. Mesmo assim por razões bastante particulares: casaram-se entre si ou casaram com outros latinos.

Apesar de terem se instalado na cidade de Chino somente em 1994, a história do grupo é bem mais antiga. O núcleo original era formado por brasileiros que imigraram para Riverside, Loma Linda e Glendale entre o final da década de 1950 e os inícios da década de 1960⁴. Adair Souza, enfermeiro aposentado, nascido em 1929, migrou para Riverside em 1963. A Igreja Adventista da Universidade de La Sierra foi a primeira que frequentou. Ele me contou que, embora bem recebido, nunca se sentiu realmente parte daquela congregação. Não se sentia à vontade para oferecer o seu trabalho voluntário e, por não ser um membro ativo, sempre se sentia meio segregado e meio inútil. Percebendo que uma integração satisfatória ao grupo majoritário era impossível, ele e outros brasileiros falaram com o pastor e conseguiram uma pequena sala onde conduziam os seus estudos bíblicos em português. Por muitos anos este grupo permaneceu em La Sierra, mas nunca recebeu nenhuma atenção especial da congregação.

Uma das componentes do grupo original, Ilka dos Reis, tinha certa familiaridade com os imigrantes portugueses em Norco e propôs a mudança para aquela cidade. Na Igreja Adventista de Norco, conseguiram uma sala bem maior e foram recebidos com muito mais atenção do que em La Sierra. De fato, eles passavam tão despercebidos em La Sierra que, após 15 anos frequentando a Igreja, Dona Áurea foi certa vez tomada por novata. O pastor se aproximou dela para se apresentar e perguntou quem ela era. Ela respondeu, "você não aprendeu ainda quem sou eu? Estou aqui há 15 anos!"

O objetivo deste grupo adventista brasileiro em Norco era difundir a palavra de Deus entre os imigrantes portugueses que não falavam inglês.

Apesar de eles terem, afinal, conseguido converter algumas famílias portuguesas, o grupo sempre teve uma larga maioria de brasileiros porque, sugere Adair, "a comunidade imigrante portuguesa é muito católica e conservadora, e prefere ficar sem nenhuma palavra de Deus a trocar de igreja". Assim, do ponto de vista de um alcance maior da colônia portuguesa, pode-se dizer que o grupo falhou. Contudo, mais brasileiros continuaram chegando e o grupo finalmente cresceu o suficiente para ter condições de ter seu próprio pastor.

Mas foi graças ao dinheiro que Ilka dos Reis deixou para a igreja, quando faleceu em 1990, e a uma substancial doação do pastor Palmer Harder, que havia sido missionário no Brasil por 62 anos, que os membros da igreja conseguiram comprar e se mudar para o prédio atual.

Quando iniciei a pesquisa em Chino, em 1997, o pastor Claudiner Mockiuti já estava ali há dois anos. Substituiu o pastor Edilson, o segundo da congregação.

Entre 1997 e 1999, os frequentadores da igreja adventista de Chino tinham as seguintes características: a maioria (80,8%) havia nascido nas regiões Sudeste (48,2%) e Sul (32,6%). Os outros 19,2% dos participantes nasceram no Norte (6%), Nordeste (8,4) e Centro-Oeste (4,8), embora quase a metade já estivesse morando em São Paulo ou Rio de Janeiro antes da imigração para os Estados Unidos⁵.

A maioria dos participantes de Chino era do sexo feminino (56,6%). Aproximadamente um terço (36,1%) da amostra era composta de membros com idade superior a 51 anos e isto, como expliquei anteriormente, tem a ver com o fato de a igreja ser composta principalmente de imigrantes de primeira geração. O número

relativamente baixo de indivíduos entre 11 e 20 anos (7,2%) e 21 a 30 anos (13,3%) mostra uma notável ausência de imigrantes de segunda e terceira gerações, como explicado antes. Mas o pequeno número de frequentadores jovens, mesmo quando imigrantes de primeira geração, estava relacionado ao reduzido influxo de imigrantes no período 1995-1999 e também ao limitado mercado de casamentos que a igreja oferecia. Assim, membros potenciais preferiam freqüentar igrejas onde suas chances de conhecer um(a) parceiro(a) eram maiores.

Mais da metade (65,1%) dos membros de Chino era casada. Destes, a maioria (81,7%) era ou havia sido casada com brasileiros e migrara para os Estados Unidos já casado e com filhos. No caso dos casados com não-brasileiros, seus parceiros eram normalmente filhos de brasileiros nascidos nos Estados Unidos, americanos de diversas etnias ou indivíduos de outras nacionalidades que já haviam vivido no Brasil. Entre aqueles casados com estrangeiros, apenas um deles conhecera sua esposa no Brasil. Se os membros da igreja formavam uma comunidade endogâmica do ponto de vista da nacionalidade de seus cônjuges, o mesmo não se aplicava a seus filhos, isto é, à segunda geração. Estes se casavam com americanos brancos, negros, hispanos ou outros grupos étnicos, em função do lugar onde viviam e das escolas e igrejas que frequentavam e, também, das suas características físicas e sociais.

A grande maioria (77,6%) dos casados ou divorciados de Chino tinha filhos. A média de filhos por casal era dois. Os casais que tinham mais de dois filhos eram aqueles que haviam imigrado entre o final da década de 1950 e os primeiros anos da década

seguinte. Os casais mais jovens tinham em geral dois filhos.

Apenas 7,2% do grupo total era formado de recém-chegados, o que indicava que a imigração de adventistas diminuiria entre 1995 e 1999. Ou isto ou os brasileiros adventistas recém-chegados estavam se afiliando a outras igrejas. O período de maior fluxo de imigrantes foi aquele entre 1988 e 1994, quando 38,6% dos participantes imigraram.

Existia uma congruência relativa entre o nível educacional e o tipo de emprego que eles possuíam nos Estados Unidos. Considerando, por exemplo, que a maioria dos empregos de "colarinho branco" requer nível universitário, apenas 42,1% dos participantes de Chino supostamente teriam este tipo de emprego. A porcentagem efetiva de membros com empregos de colarinho branco era 30,1%, uma diferença de 12,1%. Contudo, na entrevista/questionário, incluí a categoria estudante universitário separada das categorias "colarinho branco" e "colarinho azul". Assim, se consideramos apenas os membros que já possuíam diploma universitário, a diferença era negativa. Isto é, havia mais pessoas com emprego de "colarinho branco" que o esperado. Isso ocorreu porque na categoria "colarinho branco" também incluí trabalhadores autônomos que não necessitam de diploma universitário.

Sob a categoria "colarinho branco" os empregos mais comuns entre os membros de Chino eram os de advogado, contador, médico, enfermeiro e professor. Sob a categoria "colarinho azul" havia empregos tão diversos como mecânico, motorista de caminhão, babá, dona de casa, agricultor, auxiliar de enfermagem, vendedor, entregador de pizza e zelador.

Diferentemente da situação de bra-

sileiros imigrantes em outras cidades americanas, não era comum entre os membros da igreja o exercício de funções muito abaixo das suas qualificações no Brasil (Margolis 1994; Sales 1999; Martes 2000). Uma das explicações para isto é o tempo de imigração da maioria do grupo: estavam nos Estados Unidos pelo tempo mínimo necessário para validarem diplomas obtidos no Brasil ou adquirirem novas qualificações. Uma outra explicação está na própria forma como o adventismo se propaga por todo o mundo. O adventismo se expande não apenas como uma forma específica de evangelizar, mas como uma forma de viver, trabalhar, pensar. Os adventistas têm um dos mais extensivos e centralizados sistemas educacionais protestantes do mundo e uma das mais extensas redes de serviços de saúde. Além disso, também produzem sua alimentação onde quer que se instalem. Essa produção atende a demanda de suas escolas e hospitais e é também distribuída através de suas lojas. Os brasileiros adventistas que migram para a grande Los Angeles participam de algum modo dessa rede ampla de relações e, em geral, isto facilita bastante a sua integração.

A IGREJA: CASA DE DEUS? CLUBE? CENTRO TERAPÊUTICO?

No clássico *The Polish Peasant in Europe and America* [O camponês polonês na Europa e América], cujo primeiro volume foi publicado em 1918, Thomas & Znanieck já observavam que é preciso muita cautela para não se atribuir importância excessiva às formas e propósitos oficiais de instituições de imigrantes. Referindo-se às paróquias polonesas-americanas, os autores dizem que elas representam muito mais do que

associações religiosas para adoração a Deus sob a liderança de um padre (Thomas & Znanieck 1996, p. 115).

De fato, os membros da igreja de Chino esperam que ela ofereça bem mais do que conforto espiritual e um pastor disposto a ouvir os seus problemas individuais e familiares. Provavelmente por isto organizam almoços coletivos aos sábados, depois do culto, e piqueniques, pescarias, churrascos, gincanas, feiras de objetos usados e pequenas viagens de visita a outras igrejas adventistas brasileiras ou de língua portuguesa ou espanhola próximas, aos domingos e feriados.

Mas não apenas isto. É comum que os imigrantes mais antigos doem móveis, utensílios domésticos e até roupas aos recém-imigrados que não têm recursos para montar uma casa com objetos novos. A introdução à vida americana é feita por um ou outro membro ou família da igreja de quem o recém-imigrado é ou se torna mais próximo. Desse modo, são orientados sobre onde morar, comprar barato, em que escolas matricular os filhos, como tirar a carteira de motorista, onde e que cursos fazer para conseguir melhores empregos e assim por diante. Além disso, ouvi histórias e vi, diversas vezes, coletas serem feitas para ajudar algum membro em necessidade. Mesmo que haja desentendimentos eventuais e diferenças, é à solidariedade entre os membros que todos se referem quando contam as suas histórias de imigrantes.

A história dos adventistas de Chino revela, porém, que a disposição e flexibilidade para adaptar a igreja às circunstâncias e necessidades da vida imigrante nem sempre estão presentes na política de todos os pastores. Quando Edilson, o segundo pastor da igreja, assumiu seu posto, ele e alguns membros mais conservadores acharam conveniente o aumento de atividades

de evangelização. Tal política, porém, se deu em detrimento de atividades de lazer e levou várias famílias a abandonar a igreja. O conflito foi, afinal, solucionado com a sua transferência para outra igreja. Em seu lugar assumiu o pastor Claudiner Mockiuti que, em poucos anos, conseguiu duplicar o número de frequentadores da igreja. Em conversa na qual me contava a história da igreja, ele refletia sobre os desafios que enfrentam as igrejas de imigrantes:

“Você vai, por exemplo, numa igreja adventista hispana e vai encontrar a primeira geração sendo o grupo mais forte. A segunda geração é um pouquinho assim... Mas o que acontece com a terceira geração? Ou ela assimilou a cultura, ou tá na igreja americana, ou tá totalmente fora. Mas eles continuam crescendo porque a primeira geração continua vindo... Bom, o que é que tá acontecendo com o brasileiro, português, italiano? Nós não temos uma border [fronteira], como os mexicanos, nós temos um oceano, uma grande distância e esse é um dos fatores. Bom, o que acontece com o português de Portugal? Ele parou de vir há muito tempo. A primeira geração tem diminuído a cada dia. A segunda geração já está desaparecendo e a terceira você não sabe mais. Você conversa com eles e eles nem falam que são filhos de portugueses! Eu vou à casa de portugueses e vejo o pai, o filho e o neto. Na igreja só tem o pai e o filho. Com o brasileiro é a mesma coisa: a nossa igreja não tem recebido ninguém ultimamente. O que ocorre é que nós precisamos trabalhar para atrair a segunda geração. Hoje eu estou com um número grande de segunda geração, mas pra aceitar a segunda geração eu estou ferindo os princípios da primeira. Quer dizer, eu estou tendo que aceitar os costumes americanos pra mantê-los

aqui dentro. Música, traje, tudo. Por quê? Se não fizermos algo pra segurar a segunda geração nós não vamos ter a terceira dentro. Então nós estamos mantendo agora uma segunda geração esperando que a terceira fique. Eu tenho terceira geração voltando, porque a segunda e a terceira mantêm um vínculo, eles falam perfeito inglês. A terceira já esqueceu, ou nem aprendeu o português. Domingo eu tive visitando um rapaz, eu falo rapaz, mas é um moço casado já. Motocicleta, cabelo comprido, tatuagem. Eu cheguei conversando com ele e perguntei se ele falava português: Yes. Eu perguntei se ele preferia falar em português ou inglês e ele disse: You can speak in Portuguese [Você pode falar em português]. Eu notei o seguinte, a boa vontade. A gente tem que considerar essa abertura deles e investir. Então, toda vez que você ver um indivíduo com headphone [fone de ouvido] na igreja é porque ele não entende português, mas quer estar ali. Eu tenho tradução simultânea de todos os sermões. Por que faço isto? Pensando na terceira geração. A história da língua realmente é impressionante. Quando eu cheguei aqui a gente dizia, aqui é uma igreja que só fala português, ninguém fala inglês. Mas observamos que as crianças não entendiam as histórias quando contadas em português. Além disso, não é só brasileiro e português que temos na nossa igreja. Tenho na minha igreja mexicano e americano casado com brasileira, ou americano que namora com brasileira. Então nós temos que abrir. Eu sofro com a primeira geração porque eu também sou da primeira geração. Tenho velhinhos que estão literalmente doentes com todas essas mudanças. Falo pra eles que se eles tivessem filhos, eles entenderiam melhor. Eu também não aceitava cabeludo, brinco. Um brinco pra mim era uma afronta. Originalmente eu pensava

assim... Então, o argumento que uso para a primeira geração é pedir para eles se colocarem no lugar dos pais cujos filhos estão aqui. A primeira geração só gosta de música clássica, a segunda já é música contemporânea. A nossa igreja está mais ou menos entre os dois. Temos um pouco do contemporâneo, mas ainda mantemos o tradicional. Mas pra manter essas duas culturas num mesmo ambiente é um conflito constante, tenho problemas o tempo todo..."

Não compreender as demandas de uma igreja imigrante é colocar em risco a sua existência a médio prazo, ensinamos Claudiner Mockiuti. Mas, além dos problemas entre gerações e das concessões que precisam ser feitas para a conservação de todas elas na igreja, há que se compreender a ampliação das suas funções em decorrência do fato de ela ser, muitas vezes, o único espaço brasileiro ao qual o imigrante tem acesso.

A posição social do imigrante no país de origem, a sua filiação religiosa, o tempo de imigração e o domínio da língua do país de destino são fatores que influenciam diretamente na intensidade e características das expectativas que criam em relação à igreja e, conseqüentemente, das demandas que produzem.

O domínio do inglês está geralmente relacionado à posição social do imigrante no Brasil. Embora, neste caso, também interfira o tempo de imigração. Assim, embora oriundos das classes trabalhadoras, muitos imigrantes falam o inglês fluentemente depois de alguns anos, sobretudo quando convivem mais proximamente com americanos. Na minha pesquisa exemplificam este caso as empregadas domésticas que residem na casa de patrões americanos e as brasileiras casadas com americanos. Quando o imigrante não domina a língua, imigrou há pouco tempo e já é filiado a alguma igreja protestante no Brasil,

a igreja torna-se praticamente o único espaço onde se socializa com os seus conterrâneos⁶. Ser um espaço onde os indivíduos podem se comunicar na língua materna é um dos fatores apresentados por alguns membros para justificar a própria existência da igreja. David, 35 anos, explica:

"Essa igreja portuguesa existe por uma única coisa, a maioria dos portugueses que estão aqui são pessoas sem estudo, que não falam inglês. Então se eles não têm uma igreja de língua portuguesa eles estão sem religião, praticamente falando. Ou sem um lugar de congregar. Pra mim, por exemplo, essa igreja é dispensável porque eu posso ir pra igreja americana e aproveitar muito mais. Tem igrejas de qualidade superior, mas eu tô aqui pra ajudar, pra ser parte. Quer dizer, falar português não é fundamental pra mim, mas é fundamental pra aqueles que não falam inglês."

Mas nem todos concordam com David e alguns acham que, além da língua, há outros fatores que justificam a existência da igreja. É o caso de Omar, 62 anos, que afirma:

"Essa igreja não é só uma questão da língua não. A minha experiência em igreja americana e hispana sempre foi muito frustrante. Terminava o culto, se não tinha almoço ou alguma comemoração especial, todo mundo ia pra casa. Não tem essa conversa gostosa e sem fim que a gente tem aqui. Os hispanos também, passam pela gente, buenos dias hermano e pronto. Não tem como gente da gente, não é? Que gosta da mesma comida, ri das mesmas piadas, gosta da mesma conversa e tem os mesmos problemas."

Os dois depoimentos discutem os limites e as dificuldades da integração do imigrante. Para aqueles que não falam o inglês ou o espanhol, a igreja é, de fato, o único espaço de

socialização. Indivíduos em tal posição se esforçarão para que a igreja seja mais do que um espaço de evangelização. David distingue enfaticamente a sua situação - alguém que fala inglês fluentemente - daqueles que apenas falam português. Ele tem alternativas, inclusive, melhores. Participa da igreja de Chino "para ajudar", "para ser parte." É óbvio que há outras motivações além das do seu espírito de ajuda: o conforto da cultura compartilhada, uma posição mais valorizada nesta igreja do que em igrejas americanas e assim por diante. No caso de Omar, a igreja de Chino é a melhor alternativa: ele experimentou igrejas americanas de brancos e hispanos, mas foi entre os brasileiros que se sentiu mais confortável. É possível que parte da frustração de Omar se devesse às dificuldades de integração de um negro brasileiro na sociedade estadunidense. Mas mesmo isto, fator tão crucial na definição do espaço social dos indivíduos nos Estados Unidos, não importa tanto para os fins desta discussão sobre a relação entre o domínio do inglês e a maior ou menor dependência das igrejas étnicas. O que se conclui dos dois depoimentos é que, de fato, há uma grande diferença entre os que frequentam a igreja porque ela é a única possibilidade de socialização e os que têm alternativas. Para os primeiros, a igreja é realmente o único refúgio.

É precisamente quando a igreja se transforma no único refúgio do imigrante que ela tem de preencher várias funções e as demandas se ampliam. Ao não domínio do inglês alia-se a impossibilidade de aprendê-lo em curto prazo porque o imigrante não dispõe de tempo ou dinheiro para o empreendimento.

Para além desses casos extremos de dependência, as demandas são sempre muitas e muito variadas. A integração

em posição semelhante à que tinham no Brasil, por exemplo, também tornase parte das responsabilidades da igreja. Assim, motivar os imigrantes a perseguir seus objetivos profissionais ou algo entre seus objetivos e suas chances concretas em um mundo estrangeiro é outra função da igreja, como explica o Pastor David Bravo:

“A igreja, além de ser um ponto de concentração de homens e mulheres com fins comuns, se transforma também num centro terapêutico. É ali onde você vai de alguma forma entregar o que você tem ou o que você gostaria de ter tido e não tem, e seus desafios, frustrações, traumas. Assim, a igreja se transforma também num hospital. Eu observo que aqueles que já trazem os seus títulos de lá [do Brasil] e não conseguem se integrar aqui na mesma área vivem uma frustração constante. E a gente não pode falar que oração, bíblia, ou estar indo pra igreja vai resolver. O negócio é tentar e, com alguns deles temos conseguido, que entrem na escola, para fazer algum curso onde de alguma forma possam alcançar um nível melhor. Mas muitos deles não suportam as dificuldades da integração e voltam para o Brasil.”

Parque de diversões, casa de Deus, família, centro terapêutico, hospital, espaço de evangelização, restaurante, casa de shows, sofá do analista... enfim, a igreja imigrante é tudo isto e mais o que as demandas circunstanciais da vida imigrante reivindicarem. É um dos espaços mais efetivos de socialização do imigrante brasileiro. É preciso apenas não esperar dela ou dos seus frequentadores o mesmo tipo de dinâmica ou demanda de igrejas e frequentadores nativos.

*** Bernadete Beserra é Antropóloga pela Universidade da Califórnia, Riverside e Prof^a. da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.**

NOTAS

- 1 - Sobre os brasileiros em Massachusetts ver Assis (1995), Sales (1999), Martes (2000), Gomes Siqueira & Jansen (2006).
- 2 - A população latina em Los Angeles é estimada em 4.697.509 de uma população total de 14.595.427. Sabah & Bozorgmehr (1996, p. 102) referem-se a projeções produzidas pela Secretaria de Finanças da Califórnia que estimam que esta população crescerá substancialmente de quase 15 milhões em 1990 para aproximadamente 24 milhões no ano 2020. E complementam: “este aumento, provavelmente, resultará da expansão da população latina de quase 5 milhões em 1990 para 12 milhões em 2020.”
- 3 - A sentença entre aspas foi dita por uma brasileira que entrevistei em Los Angeles. Desenvolvo mais profundamente o tema da relação entre brasileiros e outros latinos em Beserra 2005a e Beserra 2005b. Martes (2003), Fleisher (2000) e Tosta (2004) são outros trabalhos que aprofundam o tema.
- 4 - A concentração de adventistas brasileiros em Riverside, Loma Linda e Glendale está relacionada ao fato de que nessas três cidades há grande concentração de adventistas de todo o mundo em função da localização das universidades adventistas de La Sierra e Loma Linda e do Hospital Adventista de Glendale. A população de adventistas em Loma Linda, por exemplo, é tão alta que lá os Correios funcionam aos domingos e não aos sábados, como é comum.
- 5 - Os dados apresentados neste perfil foram coletados através de conversas e entrevistas com 83 frequentadores da igreja, entre novembro de 1997 e novembro de 1999.
- 6 - Restrinjo a minha tese aos protestantes porque os católicos brasileiros – independentemente da posição social – têm outros espaços de sociabilidade além da igreja: bares, restaurantes, academias, clubes e outras associações laicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Gláucia de O.
(1995) “Estar Aqui, Estar lá... O Retorno dos Emigrantes Valadarenses ou a Construção de uma Identidade Transnacional?” *Travessia – Revista do Migrante*, nº 22, pp. 8-14.
- BESERRA, Bernadete
(2005a) “From Brazilians to Latinos? Racialization and Latinidad in the Making of Brazilian Carnival in Los Angeles”. *Latino Studies*. Volume 3, nº 1, pp. 53-75.
- BESERRA, Bernadete
(2005b) “Negotiating Latinidad in Los Angeles: the case of Brazilian immigrants”. In: OCHOA, Enrique & OCHOA, Gilda (Orgs). *Latino Los Angeles: Transformations, Communities, and Activism*. Tucson, The University of Arizona Press.
- BESERRA, Bernadete
(2005c) *Brasileiros nos Estados Unidos: Hollywood e outros sonhos*. Fortaleza/São Paulo/Sta Cruz do Sul, Edições UFC/Hucitec/Edunisc.
- FLEISHER, Soraya
(2000) *Passando a América a Limpo: O Trabalho de Housecleaners Brasileiras em Boston, Massachusetts*. Tese de mestrado. Departamento de Antropologia. Universidade de Brasília.
- GOMES SIQUEIRA, Carlos E. & JANSEN, Tiago
(2006) *Updating Demographic, Geographic, and Occupational Information on Brazilian Immigration to the United States: The Case of Massachusetts*. Latin American Studies Association XXVI International Congress. San Juan, Puerto Rico, Março.
- MARGOLIS, Maxine
(1994) *Little Brazil - An Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City*. Princeton, NJ, Princeton University Press.
- MARTES, Ana C. B.
(2003) “Raça e Etnicidade – Opções e Constrangimentos”. In: MARTES, Ana C. B. & FLEISHER, Soraya (Orgs). *Fronteiras Cruzadas – Etnicidade, Gênero e Redes Sociais*. São Paulo, Paz e Terra.
- MARTES, Ana C. B.
(2000) *Brasileiros nos Estados Unidos: Um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo, Paz e Terra.
- SABAH, Georges & BOZORGMEHR, Mehdi
(1996) “Population Change: Immigration and Ethnic Transformation”. In: WALDINGER, Roger & BOZORGMEHR, Mehdi (orgs.). *Ethnic Los Angeles*. New York, Russell Sage Foundation.
- SALES, Teresa
(1999) *Brasileiros Longe de Casa*. São Paulo, Cortez Editora.
- THOMAS, W. I. and ZNANIECK, Florian
(1996) *The Polish Peasant in Europe and America*. Urbana and Chicago, University of Illinois Press.
- TOSTA, Antonio L.
(2004) “Latino, eu? The Paradoxical Interplay of Identity”. In: Brazuca Literature. *Hispania*, nº 87, pp. 576-585.